

Resgate de obra esquecida de Carlos Gomes: Missa de São Sebastião

SÉRGIO LUIZ SABOYA ARRUDA

Doutor em Medicina e professor da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) - Unicamp

RESUMO

Apesar de ser importante na evolução musical de Carlos Gomes, a sua produção sacra é reduzida e pouco conhecida. Para entender o contexto musical e artístico que influenciou a composição da Missa de São Sebastião, são introduzidas idéias sobre o romantismo na música, discutindo-se características da ópera e da música sacra. Esta missa ajuda a compreender o ambiente musical existente em Campinas de meados do século XIX, colabora para o desenvolvimento de Gomes como compositor e mostra um jovem músico já dotado de inspiração melódica.

Palavras-chave: Missa. Música sacra. Romantismo

ABSTRACT

Although Carlos Gomes' sacred output is significant for his musical formation, it is small, little known and little performed. In order to comprehend the musical and artistic contexts that influenced the composition of Saint Sebastian mass, ideas related to romanticism in music are introduced, discussing characteristics of sacred music and opera. In spite of being a work from his youth, this mass helps to understand the Campinas' musical environment in the middle of the 19th century and it is useful for Gomes' development as a music and opera composer.

Key words: Mass. Sacred music. Romanticism

1 - *As idéias principais deste artigo foram apresentadas no programa da Missa de São Sebastião de Carlos Gomes, na Semana Carlos Gomes de Campinas, setembro de 2005, durante a apresentação da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas.*

2 - *Para consulta da bibliografia sobre Carlos Gomes e sua obra, vide: Correia de Azevedo; Person de Matos; Reis, 1952:135-150; Scarpeline, 1995:161-198; Salles, 1996. Na extensa relação de livros, de artigos em periódicos e de folhetos referentes ao período de abrangência dessas bibliografias, somente foram identificados dois textos (SINZIG, 1942; A MISSA, 1995) dedicados exclusivamente à música sacra de Carlos Gomes.*

3 - *Vaz de Carvalho, 1935:20-21; Sinzig, 1942:33-35; Wanderley,*

Desde o último quartel do século XIX, a vida e a obra operística de Antonio Carlos Gomes (Campinas, 1836 - Belém do Pará, 1896) têm sido objeto de contínuas publicações. [1]

Carlos Gomes [2] divide com Heitor Villa-Lobos (Rio de Janeiro, 1887-1959) a condição de compositor erudito brasileiro sobre o qual mais se escreveu, mais se estudou.

Embora tenha se dedicado principalmente à ópera, o célebre campinense compôs para vários gêneros, inclusive para o ambiente religioso. Contudo, foram localizados poucos textos [3] que fazem algum tipo de comentário ou de citação - mesmo que de tamanho reduzido - sobre a música sacra de Carlos Gomes. No geral, esses textos foram publicados em livros, periódicos e impressos ou esgotados ou de difícil acesso para o grande público.

A produção sacra de Carlos Gomes é pequena: duas missas, o "Kyrie" de uma missa não terminada e pouco mais de uma dezena de peças sacras. Destas obras, a Missa de Nossa Senhora da Conceição é a única peça sacra que teve algumas críticas e execuções, possuindo duas gravações em CD.

A realidade da Missa de São Sebastião é menos favorável. Até 2004, com exceção de PENALVA (1986: 11-12), não foi possível encontrar outro texto que comentasse criticamente esta obra, e há informações e indícios a serem comprovados de que possa ter sido tocada no século XIX. A primeira apresentação recente ocorre em setembro de 2005, em Campinas, com regência do maestro Henrique Lian, resgatando uma obra desconhecida e esquecida.

Carlos Gomes cresce, desenvolve-se e compõe quando predominam os ideais românticos na música. No geral, a música sacra representa pequena parcela da produção dos compositores do romantismo, já que as peças sacras possuem características e fins que podem colidir com o espírito romântico.

Este artigo não objetiva efetuar uma análise musical da Missa de São Sebastião, ao contrário, procura introduzir: a) idéias referentes ao romantismo na música, para se compreender algumas características do período em que Carlos Gomes compõe; b) contextos artístico e culturais que fizeram com que Carlos Gomes, músico identificado com o romantismo, escrevesse peças sacras e a Missa de São Sebastião.

O ROMANTISMO NA MÚSICA

Normalmente a literatura antecede, em anos e décadas, os respectivos movimentos musicais. O romantismo literário vai de aproximadamente 1760 a meados do século XIX, enquanto que o romantismo na música se estende de 1820 a 1900. [4]

O movimento romântico opõe-se aos ideais clássicos. O artista clássico apóia-se no primado da razão, contém as emoções, procura expressar-se com clareza e rigor formal. O artista romântico é emotivo, apaixonado, exaltado, entusiasmado; inspira-se na alma, no inconsciente e pode precisar de alguma liberdade formal. (Vide COUTINHO; GALANTE DE SOUSA, 2001:1399, verbete “romantismo”.)

Durante o romantismo, os compositores escrevem para quase todas as formas musicais, embora haja grande variação nos gêneros de predileção a que cada músico mais se dedica, principalmente quando se comparam as escolas nacionalistas de países distintos (Vide MOORE, 1942/1991: 131-199; PLANTINGA, 1984: *passim*).

Por exemplo, o piano é o instrumento preferido no processo de criação de alguns compositores: Frederic Chopin (1810-1849), Robert Schumann (1810-1856) e Ferenc Liszt (1811-1886), mas é pouco cultivado especialmente pelos operistas.

Há grandes compositores do romantismo que não escrevem uma única ópera: Chopin, Anton Bruckner (1824-1896) e Johannes Brahms (1833-1897). Ao passo que outros músicos, que criam obra extensa, compõem principalmente para gêneros musicais não ligados ao teatro lírico: Robert Schumann (1810-1856) e Ferenc Liszt (1811-1886) completam apenas uma ópera; Franz Schubert (1787-1828) compõe nove óperas e deixa inacabadas outras sete obras; Felix Mendelssohn (1809-1847) conclui seis óperas (HOLDEN, [1993?]).

Apesar disso, a produção operística de Schubert e de Mendelssohn é pequena e pouco relevante, diante da magnitude das suas criações para outras formas musicais.

Não obstante, no século XIX, o teatro lírico é um dos locais em que as características românticas encontram mais condições para se desenvolverem. A ópera presta-se muito bem à expressão de emoções, às idéias

[1977?]:48; Penalva, 1986:11-12; A MISSA, 1995: 137-141; Aguiar, [1996?]; Goes, 2004; Arruda, 2005; Lian, 2005; Ribeiro, 2005:C-6.

4 - *Acerca do romantismo na música, vide Nobre, 1979:99-107; Plantinga, [1984].*

nacionalistas e individualistas, com estórias e tramas repletas de paixões, subjetividades, idealismos e simbolismos.

Ao contrário do que ocorre com vários compositores dos séculos XVII e XVIII, cuja criação de obras sacras costuma ser relevante, a produção sacra dos principais operistas do século XIX é ou reduzida, ou inexistente.

Na primeira metade do século XIX, três italianos destacam-se na criação de ópera: Gioacchino Rossini (1792-1868), Gaetano Donizetti (1797-1848) e Vincenzo Bellini (1801-1835).

Meyerbeer (1791-1864) é outro compositor de projeção que se dedica principalmente ao teatro lírico, enquanto que Hector Berlioz (1803-1869) escreve somente três óperas, concentrando-se especialmente em obras sinfônicas, corais e vocais.

Na segunda metade do século XIX, dois compositores dominam o cenário lírico internacional: Giuseppe Verdi (1813-1901) e Richard Wagner (1813-1883). Ambos dedicam-se quase que exclusivamente à ópera. Este é o caminho seguido por Carlos Gomes e por vários compositores desse período.

MÚSICA SACRA E ÓPERA

As características românticas não fazem parte do universo da música sacra, a qual, por princípio, deveria exortar os valores religiosos, a devoção a Deus e a Cristo. Portanto, a música sacra não combina com a exaltação das paixões humanas típica do romantismo.

Na tradição sacra ocidental, busca-se compor uma música que seja mensageira da palavra divina, que expresse a fé. Pode haver representação de passagens dos evangelhos, da vida de Cristo.

Para a Igreja Católica Romana, a missa é um ato litúrgico em que se celebram a última ceia, a morte e a ressurreição do Salvador, sendo, portanto, seu “ponto culminante a consagração do pão e do vinho e a comunhão do corpo e do sangue de Jesus Cristo” (NEVES, 1997:93, verbete “missa”). As partes do ordinário da missa podem ser musicadas e/ou cantadas.

A missa é uma forma musical cujo caráter de devoção atingi o apogeu no fim do século XVI e no princípio do século XVII (KENNEDY, 1994:461,

verbete “missa”). No entanto, continua a ser bastante cultivada até o início do século XIX. Desde então, a composição de missas diminui, e fica sujeita às particularidades de cada músico.

Por apresentarem fins opostos, a música sacra e a ópera seriam radicalmente contrárias. Haveria um antagonismo entre o sacro e o profano, respectivamente entre o religioso e o mundano, entre a mensagem divina e a dimensão dramática ou cômica do libreto.

No entanto, música sacra e ópera também apresentam pontos de contacto. Ambas utilizam a voz e o canto para atingirem seus propósitos, são portanto gêneros essencialmente vocais. Ambas precisam de um local adequado, em que possam ser tocadas e representadas: a igreja e o teatro lírico.

Por serem expressos vocalmente, por poderem ser representados, musicólogos descrevem os “dramas litúrgicos” da Idade Média [5] como remotos precursores da ópera. (Cf. PEYSER; BAUER, [1956]: 9-22; SADIE, 1990: 3-5; COELHO, 2000: 23-26.)

Por outro lado, depois que a ópera surge em 1597, algumas características do teatro lírico são transpostas para a música sacra. Há missas e composições sacras que usam recursos musicais e vocais do teatro lírico. Isto já acontece no período barroco, mas é muito mais comum no século XIX.

Elementos profanos já haviam invadido a música sacra antes do nascimento da ópera, o que motivou o Concílio de Trento (1545-1563) a cogitar de abolir a música das missas. Isto não se realizou porque há uma reação, cujo expoente central, Palestrina (ca.1525-1594), consegue compor obras e missas sacras dotadas de clareza e de espiritualidade condizentes com a fé cristã. (Vide WANDERLEY, [1977?]: 7-10; BAROFFIO, 1995:9-16.)

Aliás, desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), tem havido uma gradual e assustadora presença de elementos laicos na música tocada e cantada nas cerimônias religiosas.

A MÚSICA SACRA E CARLOS GOMES

Como vários músicos do romantismo, Carlos Gomes escreve poucas obras sacras. Embora diminuta, a sua produção sacra tem momentos significativos, com destaque por haver tido importância na sua formação

5 - Os “dramas religiosos” variam não apenas quanto às características musicais, como quanto ao nome: “mystère” na França, “sacra rappresentazione” e “azione sacra” na Itália; “mystery play” em países de língua inglesa; dramas escolásticos na língua alemã e russa, “auto sacramental” em espanhol (COELHO, 2000:23).

como compositor para a voz.

Como explicar o interesse inicial por peças sacras em um músico cujo talento irá se realizar no teatro lírico, especialmente em óperas de enredos dramáticos e trágicos.

Carlos Gomes cresce em ambiente musical e católico. É filho de Maneco Músico, mestre de capela, principal compositor, responsável por todas as atividades musicais da matriz local e de Campinas. [6]

Muito possivelmente o interesse por música sacra durante a juventude é fruto da influência de Maneco Músico, pai e "mestre". É reflexo do cotidiano da infância e juventude em Campinas, em que deve ter acompanhado as atividades musicais religiosas dirigidas pelo genitor, delas participando.

A produção sacra de Carlos Gomes inclui pouco mais de uma dezena de obras, composições realizadas sobretudo quando reside em Campinas e no Rio de Janeiro.

Na cidade natal, completa duas missas: São Sebastião, 1854; [7] e Nossa Senhora da Conceição, 1859. São "missas breves", com "Kyrie" e Gloria.

Quando estuda em Milão, inicia a composição de uma missa para a Capela Imperial do Rio de Janeiro, da qual somente conclui o "Kyrie" (1865). Nesta ocasião, admite que não nascera para a música sacra, e passa a dedicar-se principalmente à ópera:

Eu não tenho 'geito' para escrever 'musica' de Igreja, por isso lhe 'peço' desde já 'disculpas' si n'essa 'musica' não achar a inspiração 'propria'. Advirto-lhe quanto antes que: faço todo o 'possivel' para não 'faser' para Igreja 'Musica de Theatro' como nesta época todos 'faser'." (Trecho de carta de Carlos Gomes para Francisco Manoel da Silva, data de Milão, 3 de julho de 1865, in LUIZ-HEITOR, 1936: 335)

A Missa de Nossa Senhora da Conceição teve algumas execuções esporádicas. Pela audição de gravações existentes, constata-se que é uma obra híbrida: predomina o espírito sacro, mas há reflexos do teatro lírico e até da música que se toca em praça pública.

Isto transparece em determinados efeitos musicais, na forma como são - em alguns compassos - trabalhados os metais e a voz, e principal-

6 - A respeito de Maneco Músico e da vida musical de Campinas no século XIX, vide os importantes estudos de NOGUEIRA, 1997a, 1997b, 2001.

7 - Data da composição segundo: VAZ DE CARVALHO (1935: 20), VETRO (1977?:11) e PENALVA (1986: 11).

mente em partes com a presença de tímpano e bumbo. Estes impactantes instrumentos de percussão não estão em harmonia com o ambiente sacro, com o espírito religioso. Tais liberdades são comuns no romantismo.

MISSA DE SÃO SEBASTIÃO

Até setembro de 2005, esta obra é totalmente desconhecida, inclusive para boa parte dos musicólogos. Portanto, é merecedora de estudos, como para saber os contextos de sua composição e a sua trajetória.

Apesar de ser criação de juventude, a Missa de São Sebastião ocupa um lugar digno de nota na evolução de Carlos Gomes como compositor. Tudo indica que seja a primeira vez que o músico campinense conclui uma peça de maior complexidade e envergadura. É escrita para quatro vozes solistas, coro e acompanhamento orquestral. O compor para vozes e coro é indispensável para quem pretende se tornar um operista.

Ao comentar as duas missas concluídas em Campinas, padre Penalva, que além de compositor inspirado foi um grande estudioso de Carlos Gomes, escreve o seguinte:

Na verdade a tarefa de uma missa sinfônica deveria ter sido gigantesca para quem escrevia por intuição, apoiando apenas em alguns conselhos do pai e dos amigos, no ambiente musical limitado que lhe foi dado viver nessa época. Falhas sob o ponto de vista técnico, as composições desta época revelam, entretanto, a chama ardorosa que marcará toda a sua obra e a têmpera de aço do lutador que ele será. (PENALVA, 1986: 11-12)

Não se pode, portanto, exigir do jovem músico a maestria e o domínio – principalmente nas partes vocais e corais – que irão marcar as óperas que compõe posteriormente, quando reside na Itália. No entanto, apesar de ser obra de juventude, já estão presentes as marcas da inspiração que transparecem na melodia e no uso de alguns recursos técnicos de composição, como demonstra a acurada análise do maestro Henrique Lian sobre essa missa, ao justificar a injustiça feita contra a mesma:

“o jovem Gomes. É ele um autor já robusto, com melodismo próprio e ainda não totalmente influenciado pela poética romântica verdiana. Suas referências privilegiam a clareza e também a economia de meios espelhando-se, assim, nos mestres do chamado ‘bel canto italiano’: Rossini, Bellini e Donizetti. Revela-se o gosto pelas coloraturas, pela orquestração menos carregada e mais transparente, camerística até, e um cuidadoso acabamento formal.” (LIAN, 2005: n.pág.)

Esta missa é escrita para homenagear o pai, Maneco Músico (VAZ DE CARVALHO, 1935: 21; ALMEIDA, 1942: 372)

Todavia, é dedicada a Henrique Luiz Levy (1829-1896), amigo de Carlos Gomes, comerciante de jóias e de produtos musicais, um francês radicado em São Paulo, também musicista e clarinetista, que frequenta a casa da família Gomes em Campinas. (ENCICLOPÉDIA, 1998: 442, verbe “Levy Henrique Luís”)

Foi possível localizar alguns textos que afirmam que a Missa de São Sebastião é tocada em Campinas, no ano de sua composição: “o maestro ‘compuzera’ sua primeira missa aos 18 ‘annos’ de ‘idade’ e que ‘elle proprio’ cantara os ‘sóllos’ de soprano com a linda voz que ainda ‘possuia naquelle’ tempo”. (VAZ DE CARVALHO, 1935: 20)

Luiz HEITOR (1956: 72) afirma que: “Em 1854 já a sua primeira Missa era executada, pelo conjunto familiar, numa das igrejas locais.”, assertiva que é repetida por MARIZ (1983: 64). WANDERLEY (1977?: 48) escreve o seguinte: “a ‘Missa’ (1854), executada numa pequena igreja pelos membros da numerosa família Gomes.” [8]

Infelizmente, em 1854, Campinas ainda não possui jornais ou periódicos, já que a primeira gazeta somente aparece em 4 de abril de 1858. (MARIANO, 1972: 15) [9]

Por outro lado, NOGUEIRA (1997b: 362) relaciona os seguintes manuscritos datados da Missa de São Sebastião existentes no Museu Carlos Gomes: uma partitura provavelmente autógrafa (1856?) e partes não autógrafas para instrumentos (1857, 1873, 1874 e 1881). Esses manuscritos fornecem indícios (a serem ainda comprovados) de que a Missa de

8 - Nenhum desses três autores cita a fonte original dessa informação, que parece ter sido derivada da biografia romanceada e, afetivamente, pouco neutra feita por Itala Gomes Vaz de Carvalho (1935:20-21), que é a filha de Carlos Gomes.

9 - São raros os periódicos preservados das duas primeiras décadas de jornalismo em Campinas, o que torna um golpe de paciência e de sorte confirmar execuções da Missa de São Sebastião neste município ou em outras localidades.

São Sebastião, na íntegra ou em alguma de suas partes, possa ter sido tocada nessas datas.

Não foi possível encontrar qualquer informação sobre o motivo de Carlos Gomes escrever uma missa para São Sebastião, santo que não era o padroeiro da paróquia ou das igrejas de Campinas. Portanto, não se pode afastar a possibilidade de a mesma haver sido composta para ser executada em outra localidade. [10]

A exumação da Missa de São Sebastião é o ponto culminante da Semana de Carlos Gomes de 2005 em Campinas. A obra é tocada no teatro interno do Centro de Convivência, a 10 de setembro de 2005, e reapresentada no dia seguinte.

A Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas é regida pelo maestro Henrique Lian, conta com a participação de quatro solistas: Niza de Castro Tank (soprano); Luciana Bueno (mezzo-soprano), Rubens Medina (tenor) e Manuel Alvarez (barítono). O coro do Departamento de Música da Unicamp é regido pelo maestro Carlos Fiorini. A missa é executada na íntegra, trabalho possível devido à pesquisa do maestro Luiz Aguiar e à revisão e edição do maestro Roberto Duarte.

Essa apresentação é importante por resgatar uma obra esquecida, e por abrir a possibilidade para que novos estudos e análises sejam feitos.

Igualmente sua execução serve para que se tenha uma idéia sobre o ambiente religioso da Campinas de meados do século XIX, quando Maneco Músico domina o cenário musical local; quando a atual Catedral de Nossa Senhora da Conceição (Matriz Nova) ainda está em construção; quando as atividades religiosas acontecem em uma das três seguintes igrejas: Matriz Velha (atual Basílica do Carmo), capela de Santa Cruz e Igreja do Rosário. (ALMANAK, 1857: 275-6)

Nesta época, o Teatro São Carlos de Campinas já existe, mas funciona tão precariamente que sequer montara uma única ópera, [11] e as pessoas precisam levar os assentos de casa para se sentarem nos camarotes. (DUARTE, 1905: 93)

A recente execução da Missa de São Sebastião confirma o seu caráter híbrido: sacro e profano. De um lado, há partes com música e canto que preservam o espírito religioso.

10 - São Sebastião é o padroeiro do município (corte) do Rio de Janeiro. Dentre as comarcas que compunham a Diocese de Campinas (Arquidiocese a partir de 1958), apenas a paróquia de Porto Ferreira, criada em 1842, tem São Sebastião como padroeiro (POLIANTÉIA, [1959]: n.pág.) Por outro lado, em 1856, a atual cidade de Valinhos, cujo padroeiro é São Sebastião, é um bairro de Campinas e ainda não possui uma capela dedicada a este santo. Somente após este bairro ser elevado a Distrito de Paz a 29 de maio de 1896, inicia-se a construção da igreja dedicada a São Sebastião, cuja paróquia é criada a 21 de dezembro de 1900 (POLIANTÉIA, [1959]: n.pág.; MENDES, 1963: 81; PIRES, 2000: 65). O município de Valinhos emancipa-se de Campinas por lei estadual promulgada a 31 de dezembro de 1953 (PIRES, 2000:109).

11 - A primeira ópera encenada em Campinas é o "Ermani" de Verdi, a

16 de janeiro de 1875 (vide MENDES, 1963:50-51; NOGUEIRA, 2001:69-70), quando Carlos Gomes já se encontra na Itália há 14 anos. O Teatro São Carlos é demolido em 1922, para que em seu lugar seja erguido o Teatro Municipal. Este último funciona de 1930 a 1965. A Igreja do Rosário, em 1956, e o Teatro Municipal Carlos Gomes, em 1965, são demolidos durante cada um dos dois mandatos do prefeito Ruy Novaes. (Vide FARDIN, 2000)

12 - No canto lírico, a "coloratura" corresponde a passagens vocais com ornamentação elaborada da melodia, em que o solista tem facilidade para cantar virtuosisticamente, com grande rapidez e agilidade para atacar e mudar notas, inclusive podendo atingir as notas mais agudas de seu registro vocal. (ROSENTHAL; WARRACK, [1986]:167, verbete "coloratura"; SADIE, 1992:907, v.1, verbete "coloratura".)

De outro lado, há trechos em que se pode notar a existência de elementos e de efeitos musicais profanos e teatrais. Por exemplo, há a presença de instrumentos de percussão, há trechos musicais e vocais de força dramática e emocional. Também há alguns difíceis solos em "coloratura", [12] virtuosismos vocais muito comuns na ópera do "bel canto" italiano da primeira metade do século XIX. (LIAN, 2005: n.pág.)

Deve-se assinalar que, em meados do século XIX, Campinas ainda é uma cidade tranqüila, cuja força econômica centra-se nas atividades agrícolas. A população rural é mais numerosa do que a população urbana; no entanto, já começa a haver a formação de uma classe média urbana.

Do ponto de vista das atividades musicais, o grande crescimento econômico e cultural, que acontece na Campinas da segunda metade do século XIX, propicia que as igrejas e o teatro locais tenham importante papel na vida social, como representantes maiores do espírito religioso e do profano, sobreposição sacro-profano que já está presente na música da Missa de São Sebastião.

Quando se consideram as duas missas compostas por Carlos Gomes em Campinas, nos anos 1850, e a grande influência do pai sobre o desenvolvimento do jovem compositor, fica evidente o importante trabalho musical desempenhado por Maneco Músico na comunidade local e na educação musical dos próprios filhos.

Essas missas pressupõem a disponibilidade de músicos e de cantores com razoável domínio dos seus ofícios, [13] e ilustram quão importantes deviam ser a igreja e a música sacra no cotidiano do município e de seus habitantes de todas as classes sócio-econômicas.

BIBLIOGRAFIA

A MISSA de Nossa Senhora da Conceição. *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, Campinas, v.7, n. 13, p.137-141, jan./jun. 1995. (Dossiê Carlos Gomes.)

AGUIAR, Luiz. Missa de Nossa Senhora da Conceição. In: CARLOS GOMES. Regência de Luiz Aguiar. [Belém (PA)]: SECULT/PA, [p1996?].

n. pág. 4CDs. (A música e o Pará, v.2.) (Texto que acompanha a gravação da Missa de Nossa Senhora da Conceição e de outras obras.)

ALMANAK administrativo, mercantil, e industrial da província de S. Paulo para o anno de 1858. Organizado e redigido por Marques e Irmão. 2º anno. São Paulo: Typ. Imparcial de J.R. de Azevedo Marques, 1857. (Edição fac-similada do Arquivo do Estado, Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, 19__.)

ALMEIDA, Renato. *História da Música Brasileira*. 2.ed. correta, aum. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1942.

ARRUDA, Sérgio. Missa de São Sebastião. In: ORQUESTRA SINFÔNICA DE CAMPINAS. *Missa de São Sebastião*. Campinas, [2005]. (Programa da apresentação.)

BAROFFIO, Bonifácio G. Il Concilio di Trento e la musica. In: *MUSICA e liturgia nella riforma tridentina*. Catalogo a cura di Danilo Curti e Marco Gozzi. [Trento]: Provincia Autonoma di Trento: Servizio Beni Librari e Archivistici, 1995. p.9-18.

COELHO, Lauro Machado. *A Ópera Barroca Italiana*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (História da ópera, 1.)

CORREIA DE AZEVEDO, Luís Heitor; PERSON DE MATOS, Cleofe; REIS, Mercedes de Moura. *Bibliografia Musical Brasileira (1820-1950)*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1952. (Ministério da Educação e Cultura, Coleção BI, Bibliografia IX.)

COUTINHO, Afrânio; GALANTE DE SOUSA, J. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. 2.ed. rev. ampl. atual. e il. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2v.

DUARTE, Raphael. *Campinas de Outr'ora*. São Paulo: Typ. Andrade & Mello, 1905.

ENCICLOPÉDIA da música brasileira: popular, erudita e folclórica. Editor: Marcos Antônio Marcondes. 2.ed. São Paulo: Art Editora: Publifolha, 1998.

13 - *Embora novas pesquisas sejam fundamentais para se saber qual a localidade (igreja) em que Carlos Gomes pensa quando compõe a Missa de São Sebastião, se houve intenção de apresentá-la em Campinas, pode-se inferir que os músicos e todos solistas teriam que possuir bom domínio do seu ofício, especialmente o soprano e o tenor, cujas partes vocais são extremamente difíceis. Por seu turno, a Missa de Nossa Senhora da Conceição é dedicada à padroeira de Campinas, tendo sido muito provavelmente composta de acordo com as possibilidades dos músicos e cantores disponíveis no município, ou que aceitassem vir a Campinas.*

- FARDIN, Sônia Aparecida (Org.). *Fragmentos de uma demolição: história oral da demolição do Teatro Municipal Carlos Gomes*. Campinas: Átomo, 2000. (Obra realizada pela Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, Museu da Imagem e do Som.)
- GOES, Marcus. Una delle principali vie... In: GOMES, Antonio Carlos. *Missa de Nossa Senhora da Conceição*. Regência de Geert Soenen. Bologna: Bongiovanni, p2004. ICD. (Texto que acompanha a gravação efetuada ao vivo em 23 fev. 2003.)
- HOLDEN, Amanda (Ed.) *The Viking opera guide*. [London: Penguin Books, 1993?].
- KENNEDY, Michael. *Dicionário Oxford de música*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- LIAN, Henrique. Um outro Gomes. In: ORQUESTRA SINFÔNICA DE CAMPINAS. *Missa de São Sebastião*. Campinas, [2005]. (Programa da apresentação.)
- LUIZ-HEITOR. Carlos Gomes e Francisco Manoel: correspondência inedita (1864-1865). *Revista Brasileira de Música*, Rio de Janeiro, v.3, fasc.2, p.323-338, 1936. (Número especial consagrado ao 1º centenário do nascimento de A. Carlos Gomes.)
- LUIZ HEITOR. *150 Anos de Música no Brasil (1800-1950)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. (Coleção documentos brasileiros, 87.)
- MARIANO, Julio. *História da imprensa em Campinas*. Campinas: [s.n.], 1972.
- MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. 2.ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção retratos do Brasil, 150.)
- MEDEIROS, João Bosco; ANDRADE, Maria Margarida de. *Manual de Elaboração de Referências Bibliográficas: a Nova NBR6023:2000 da ABNT: Exemplos e Comentários*. São Paulo: Atlas, 2001.
- MENDES, José de Castro. *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas: Gráfica Palmeiras, 1963.
- MOORE, Douglas [1942]. *Guia dos Estilos Musicais: do Madrigal à Música Moderna*. Lisboa: Edições 70, 1991.

- NEVES, José Maria. *Música sacra mineira*. Organização e texto final de José Maria Neves. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.
- NOBRE, Marlos. O romantismo na música. In: SÉCULO XIX: o romantismo. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1979. p.99-101. (Ciclo de conferências promovido pelo Museu Nacional de Belas Artes em 1978.)
- NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. *Maneco Músico: pai e mestre de Carlos Gomes*. São Paulo: Arte & Ciência: UNIP, 1997a. (Coleção Universidade Aberta, v.23.)
- _____. *Museu Carlos Gomes: Catálogo de Manuscritos Musicais*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997b.
- _____. *Música em Campinas nos Últimos Anos do Império*. Campinas: Editora da Unicamp: CMU, 2001. (Coleção Campiniana, 21.)
- PENALVA, José. *Carlos Gomes: o Compositor*. Campinas: Papyrus, 1986.
- PEYSER, Ethel; BAUER, Marion. [1956]. *How opera grew: from ancient Greece to the present day*. 4th impression. New York: G.P. Putnam's Sons, [19__].
- PIRES, Mário. *Valinhos: Tempo e Espaço*. 2.ed. atual. Valinhos: [s.n.], 2000.
- PLANTINGA, Leon. *Romantic music: a history of musical style in nineteenth-century Europe*. New York; London: W.W. Norton, 1984.
- POLIANTÉIA do cinqüentenário da Diocese de Campinas (1908-1958). Campinas: [s.n.], [1959].
- RIBEIRO, Bruno. Pela primeira vez. *Correio Popular*, Campinas, 9 set. 2005. Caderno C, p.6.
- ROSENTHAL, Harold; WARRACK, John. *Guide de l'opera*. Édition française réalisée par Roland Mancini et Jean-Jacques Rouveroux. [S.l.]: Fayard, [1986]. (Les indispensables de la musique.)
- SADIE, Stanley. Introduction. In: _____ (Ed.). *History of opera*. New York; London: W.W. Norton, 1990. p.1-5.
- SADIE, Stanley (Ed.). *The new Grove dictionary of opera*. London: Macmillan Press, 1992. 4v.
- SALLES, Vicente. *Bibliografia brasileira de Antonio Carlos Gomes*. Belém

(PA): Prefeitura de Belém: Fundação Cultural do Município - FUMBEL, 1996.

SCARPELINE, Rosaclena. Bibliografia sobre Carlos Gomes. *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, Campinas, v.7, n. 13, p.161-198, jan./jun. 1995.

SINZIG, Frei Pedro. Uma obra desconhecida de Carlos Gomes. *Música sacra*, Petrópolis, ano 3, n.2, p.33-35, fev. 1942.

VAZ DE CARVALHO, Itala Gomes. *Vida de Carlos Gomes*. [Rio de Janeiro]: A Noite, 1935.

VETRO, Gaspare Nello. Cronologia. In: ANTONIO Carlos Gomes. *Carteggi italiani raccolti e commentati da Gaspare Nello Vetro*. Milano: Nuove Edizioni, [1977?]. p.11-21.

WANDERLEY, Ruy [Carlos Bizarro]. *História de Música Sacra*. 2.ed. São Paulo: Redijo Gráfica e Editora, [1977?].